

8

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBAGLI, S. – 2006a – “Convenção sobre Diversidade Biológica: Uma Visão a partir do Brasil”. In: GARAY, I. & BECKER, B.K. (org.) *Dimensões Humanas da Biodiversidade: O Desafio de Novas relações Sociedade-Natureza no Século XXI*. Petrópolis. Ed. Vozes. p 113-134.

ALBAGLI, S. – 1998b – “Geopolítica da Biodiversidade”. Brasília. IBAMA. 273p.

ADLER, E. – 1997 – “Seizing the Middle Ground: Constructivism in World Politics”. *European Journal of International Relations*. London, v. 3, n. 3, p. 319-363.

ADLER, E. & HAAS, P. M. – 1992 - "Conclusion: Epistemic Communities, World Order, and the Creation of a Reflective Research Program". *International Organization*, 46 (1): 367-390.

ANDRESEN, S. & WETTESTAD, J. – “Case Studies of the Effectiveness of International Environmental Regimes: Balancing Textbook Ideals and Feasibility Concerns”. In: UNDERDAL, A. & YOUNG, O. R. *Regime Consequences: Methodological Challenges and Research Strategies*. Netherlands. Kluwer. Academic Publishers. p 49/70.

ALVES, J. A. L. – 2001 – “Relações Internacionais e Temas Sociais: A Década das Conferências.” Brasília. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais. 430p.

AYRES, J.M.; LIMA-AYRES, D.; ALBERNAZ, A.; MARMONTEL, M.; QUEIROZ, H.L.; BARTHEM, R.; ALVES, A.R.; MOURA, E.A.; SILVEIRA, R. & SANTOS, P. – 1997 – “the Conservation of Amazonian Flooded Forest”. In: *Community Involvement in Wetland Management: Lessons from the Field*. Ramsar Convention (org.). Kuala Lumpur. 287/294p.

AYRES, J. M. – 1986 – “Ukaris and Amazonian Flooded Forest”. Tese de Doutorado, Universidade de Cambridge. 338p.

AXELROD, R. & KEOHANE, R. O - 1985 – “Achieving Cooperation Under Anarchy: Strategies and Institutions”. *World Politics*, 38. p. 226/254.

BECKER, B. - 2006 – “Amazônia: Geopolítica na virada do III Milênio”. Rio de Janeiro. Garamond. 168p.

BELLIA, V. – 1996 – “Introdução à Economia do Meio Ambiente”. Brasília. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos recursos Renováveis. 257p.

BIERSTEKER, T. J. – 1993 – “Constructing Historical Counterfactual to Assess the Consequences of International Regimes. The Global Debt Regime Course of the Debt Crisis of the 1980”. In: RITTBERGER, V. *Regime Theory and International Relations*. Oxford. Clarendon Press.

BRASIL - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – 2002a – “Indicadores de Desenvolvimento Sustentável”. Rio de Janeiro. 195p

BRASIL - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – 2004b – “Indicadores de Desenvolvimento Sustentável”. Rio de Janeiro. 330p

BRASIL - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – 2007 – “Mapa da Cobertura Vegetal dos Biomas Brasileiros”. Brasília. 16p.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – 2007 – “Metas Nacionais de Biodiversidade para 2010”. Brasília. 18p

BRASIL - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – 2002 – “Biodiversidade Brasileira: Avaliação e Identificação de Áreas e Ações Prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade nos Biomas Brasileiros”. Brasília. 404p.

BRASIL - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – 2000 – “Convenção sobre Diversidade Biológica – Conferência para Adoção do Texto Acordado da CDB – Ato Final de Nairobi”. Brasília. 60p.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – 1999 – “Elaboração da Estratégia Nacional Brasileira: Análise Comparativa das Estratégias Nacionais de Diversos Países”. Brasília. 83p.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – 1992 - Discurso do Ministro Celso Lafer no debate geral da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 4 de junho de 1992. *Resenha de Política exterior do Brasil*, n 70, 1:1992.

BREITMEIER, H.; YOUNG, O.R.; ZÜRN, M. – 2006 – “Analyzing International Environmental Regimes: From Case Study to Database”. Cambridge. MIT Press. 322p.

CBD - Convention on Biological Diversity. Banco de Dados. Disponível em <http://www.cbd.int>. Consulta realizada em 02/12/2007.

CHAMBERS, W.B. & GREEN, J.F. (org.) – 2005 - “Reforming International Environmental Governance. From Institutional Limits to Innovative Reforms”. NY. United Nations University Press. 234 p.

CHASEK, P. S. (org.) - 2000 – “The Global Environment in the Twenty-First Century: Prospects for International Cooperation”. NY. United Nations University Press. 465 p.

COLEMAN, J.S. – 2005 – “The Mathematics of Collective Action”. USA. Aldine Transaction Ed. 191p.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO – *NOSSO FUTURO COMUM* - 1988 – RIO DE JANEIRO. ED. FUND. GETÚLIO VARGAS. 430p.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - *AGENDA 21*- 1996 - Brasília. Senado Federal / Subsecretaria de Edições Técnicas. 593p.

CONSTANZA, R. - 1994 - “Economia Ecológica: Uma Agenda de Pesquisa”. In: MAY, P. H. & SERÔA da MOTTA - *Valorando a Natureza, Análise Econômica para o Desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro. Ed Campus. 111-139p.

CORRÊA, L. B. C. G. – 1998 – “Comércio e Meio Ambiente”. Brasília. Instituto Rio Branco / Fundação Alexandre Gusmão. 296p.

DIAS, B. F. S. – 2001 – “Balanço da Biodiversidade na Amazônia: uma introdução ao desconhecido”. Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Altos Estudos. p14.

DUTRA, R.; OLIVEIRA, A.B & PRADO, A.A. – 2006 – “Análise do Orçamento do Ministério do Meio Ambiente para o ano de 2006”. Política Ambiental, 1:1. Conservação Internacional – Brasil. 17p.

ELLIOTT, L. – 1998 – “The Global Politics of the Environment”. New York: New York University Press.

ESTY, D. C. & IVANOVA, M. H. – 2005 – “Governança Ambiental Global. Opções e Oportunidades”. São Paulo. Editora SENAC. 301p.

GALLOPIN, G. C. 1996 – “Environmental and Sustainability Indicators and the Concept of Situational Indicators. A System Approach”. Environmental Modelling & Assessment, nº01. p 101/117.

GRIECO, J. M. – 1993 – “Anarchy and the limits of Cooperation: a Realist Critique of the Newest Liberal Institutionalism”. In: D.A BALDWIN. NY. Columbia University Press, p. 116/140.

GROSS, T.; JOHNSTON, S. & BARBER, C.V. – 2005 – “ A Convenção sobre Diversidade Biológica: Entendendo e Influenciando o Processo”. NY. Institute of Advanced Studies of United Nations University. 72p.

HAAS, P. M. – 1989 – “Do Regimes Matter? Epistemic Communities and Mediterranean Pollution Control”. *International Organization*, 43:3. p 376/403.

HAAS, E. B. – 1993 – “Words can hurt you: or, who said what to whom about regimes”. In KRASNER, S. D. *International Regimes*. USA. Cornell University Press. 372p.

HAAS, P; KEOHANE, R.O & LEVY, M. A – 1993 – “The Effectiveness of International Environmental Institutions”. In: *Institutions for the Earth*. UK. Cambridge University Press.

HAGGARD, S. & SIMMONS – 1987 – “Theories of International Regimes”. *International Organizations* 41(3). Cambridge MIT press. 492p.

HALPERN, S. – 1992 – “United Nations Conference on Environment and Development: Process and Documentation”. NY. Academic Council for the United Nations System (Disponível em: <http://www.ciesin.columbia.edu/docs/008-585/unced-home.html>. Consulta realizada em 25/11/2007).

HASENCLEVER, A; MAYER, P.; RITTBERGER, V. – 2000a – “Integrating Theories of International Regimes.” *Review of International Studies*, v.26.

_____ – 1997b – “Theories of International Regimes.” UK. Cambridge University Press. 248p.

HERZ, M. & HOFFMANN, A. R. – 2004 – “Organizações Internacionais: Histórias e Práticas”. Rio de Janeiro. Elsevier. 268p.

HURREL, A. & KINGSBURY, B. – 1992 – “The International Politics of the Environment: Actors, Interests and Institutions”. NY. Clarendon Press Oxford. 492p.

IDSM – 2007 – Relatório Anual do Contrato de Gestão IDSM/MCT. Ano 2007. Parte I. Instituto de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá. Tefé-AM. IDSM-OS/MCT. 66p.

INOUE, C. Y. A. – 2003 – “Regime Global de Biodiversidade. Comunidades Epistêmicas Locais de Conservação e Desenvolvimento Sustentável – O Caso de Mamirauá”. 248p. Tese de Doutorado do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

HOLLAND., P.W. 1986 – “Statistics and Causal Inference”. Journal of the American Statistical Association, 81 (396): 945-960.

KANIE, N & HAAS, P (org.) – 2004 – “Emerging Forces in Environmental Governance”. NY. United Nations University Press. 295p.

KATZENSTEIN, P. (Ed.) – 1996 – “The Culture of National Security. Norms and Identity in World Politics”. New York: Columbia University Press. 562p.

KATZENSTEIN, P.J., KEOHANE, R.O & KRASNER, S.D. – 1998 - “International Organization and the Study of World Politics’. International Organization, v. 52. nº 04. p. 645/685.

KECK, M. E. & SIKKINK, K. – 1998 – “Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics”. Ithaca. Cornell University. 228p.

KEOHANE, R. – 1993a - “Institutional Theory and the Realist Challenge After the Cold War”. In *Neorealism and Neoliberalism: The Contemporary Debate*. BALDWIN, D. A. New York, Columbia University Press. p. 269/300.

_____ – 1989b – “International Institutions and State Power”. Colorado. Westview Press. P. 35/158.

_____ – 1984c – “After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy”. Princeton, Princeton University Press.

KEOHANE, R. & NYE, Jr. – 1977 – “Power and Interdependence”. World Politics in Transition. Boston: Little Brown.

KEOHANE, R.O & MARTIN, L. – 1995 – “The Promise of Institutional Theory”. International Security, v.20. p. 39/51.

KRASNER S.D. – 1983 – “Structural Causes and Regime Consequences: regimes as intervening variables. In: _____ *International Regimes*. USA. Cornell University Press. 372p.

KRATOCHWILL, F. V. – 1989 – “Rules, Norms and Decisions. On the Conditions of Practical and Legal Reasoning and Domestic Affairs. Cambridge. Cambridge University Press.

KRATOCHWIL, F. & RUGGIE, J. G. – 1986 – “International Organization: A State of the Art on an Art of the State”. *International Organization*, v.40, nº 04. p. 753/775.

LANNA, A. E. L. - 1995 – “Gerenciamento de Bacia Hidrográfica: Aspectos Conceituais e Metodológicos”. Brasília. IBAMA. 171 p

LE PRESTE, P. – 2000 – “Ecopolítica Internacional”. São Paulo. Editora SENAC. 518p.

LIST, M. & RITTBERGER, V. – 1992 – “Regime Theory and International Environmental Management”. In: HURRELL, A.; & KINGSBURY, B. *The International Politics of the Environment: Actors, Interests and Institutions*. NY. Clarendon Press Oxford. p. 85/109.

MARGULIS, S. - 1996 - “Introdução a Economia dos Recursos naturais”. In: _____.(coord.) *Meio Ambiente, Aspectos Técnicos e econômicos*. Rio de Janeiro, IPEA / PNUD. pp. 157 - 178.

MARKANDYA, A., NUNES, P.A.L.D., BRAUER, I., TEN BRINK, P. KUIK, O. and M. RAYMENT – 2008 - “Review On The Economics Of Biodiversity Loss – Economic Analysis and Synthesis”, Final report for the European Commission. Venice, Italy. 140 p.

MARTIN, L. L.; & SIMMONS, B. – 1998 – “Theories and Empirical Studies of International Institutions”. *International Organization*, v52. nº 04. p. 729/757.

MAY, P.H.; LUSTOSA, M.C.; VINHA, V. – 2003 – “Economia do Meio Ambiente: Teoria e Prática”. Rio de Janeiro. Elsevier. 318p.

MEADOWS D. H.; MEADOWSD. L.; RANDERS,J.; BEHRENS, W. W. - 1973 – “Limites do Crescimento”. São Paulo. Ed. Perspectiva. 203p.

MEASHEIMER, J.J. – 1995 – “The False Promise of International Institutions”. *International Security*, v.19, nº 03. p. 5/49.

MCNEELY, J.; ROJAS, M. & MARTINET, C. – 1995 – “The Convention on Biological Diversity: promise and frustations”. *The Journal of Environment & Development*, 4(2). p 33-53.

McCONNELL, F. – 1997 – “The Convention on Biodiversity”. In: DODDS, F. *The Way Forward. Beyond Agenda 21*. London: Earthscan Publications Ltd, p. 47-54.

MILANI, C. R. S. – 1999a – “Governança Global e Meio Ambiente: Como Compatibilizar Economia, Política e Ecologia”. In: ____ (coord). *Governança Global*. Ed. Adenauer. São Paulo. p 96/ 128.

MILANI, C. 1998b – “O Meio Ambiente e a regulação da Ordem Mundial”. Rio de Janeiro. Contexto Internacional. V.20, n.02. p. 314.

NAESS, A. – 1973 – “The shallow and the deep, long-range ecology movements: a summary”. *Inquiry*;16:95:100

OCDE - 1993 – “Core Set of Indicators for Environmental Performance Reviews Environmental”. Paris. Monographs nº 83. 35p.

ODUM, E. P. – 1988 – “ecologia”. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 312p.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT - 1993 - Core Set of Indicators for Environmental Performance Reviews Environmental. Paris. Monographs nº 83. 35p.

OLSON, M. – 1999 – “A Lógica da Ação Coletiva: Os Benefícios Públicos e uma Teoria dos Grupos Sociais”. São Paulo. Ed. EDUSP. 208p.

ONAGA, C.A. & DRUMOND, M.A. (org) – 2007 – “Efetividade de Gestão das Unidades de Conservação Federais do Brasil”. Brasília. IBAMA. WWFBrasil. 96p.

PERES, C.A; & TERBORGH, J.W. 1995. Amazonian nature reserves: An analysis of the defensibility status of existing conservation units and design criteria for the future. *Conservation Biology* 9(1): 34-46

PORTER, G.; BROWN, J. W.; CHASEK, P. – 2000 – “Global Environmental Politics”. Colorado. Westview Press. 286p.

PUCHALA, D. J. & HOPKINS, R. F. – 1993 - International regimes lessons from inductive analysis, In: KRASNER, S. D. *International Regimes*. USA. Cornell University Press. p. 61/91.

QUEIROZ, H. L. & PERALTA, N – 2006 – “Reserva de Desenvolvimento Sustentável: Manejo Integrado dos recursos Naturais e Gestão Participativa”. In: GARAY, I. & BECKER, B. *As Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. p 447/476.

QUEIROZ, H. L. – 2005 – “A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá: Um Modelo de Alternativa Viável para a Proteção e Conservação da Biodiversidade na Amazônia”. IEA/USP. Dossiê Amazônia II. Revista de Estudos Avançados. Vol.19, nº 54. p183/203.

STEIN, A. A. – 1990a – “Why Nations Cooperate. Circumstance and Choice in International Relations”. Ithaca, Cornell University press.

_____ – 1983b – “Coordination and Collaboration: Regimes in an anarchic world”. In: KRASNER, S. D. *International Regimes*. USA. Cornell University Press. p. 115/140.

RAGIN, C.C. – 1987 – The Comparative Method: Moving Beyond Qualitative and Quantitative Strategies”. California. University of California Press. 185p.

RIZZO, H. G. – 2001 – “Programa Nacional de Monitoramento Integrado – Monitore”. In: GARAY, I.; DIAS, B. F.S. *Conservação da Biodiversidade em Ecossistemas tropicais: Avanços Conceituais e revisão de novas Metodologias de Avaliação e Monitoramento*. Petrópolis/RJ. Ed. Vozes. 59/67p.

ROSENAU, J. N. – 2000 – “Governança, Ordem e Transformação na Política Mundial”. In: ROSENAU, J.N. & CAZEMPIEL, E.O. (org.) *Governança sem Governo. Ordem e Transformação na Política Mundial*. Brasília. Editora UNB. p.11 – 46.

_____ – 1990 – “Turbulence in World Politics: A Theory of Change and Continuity”. Princeton. Princeton University Press. 480p.

RUGGIE, J. – 1998 – “Constructing the World Polity”. London, Routledge. 100p.

SACHS, I. – 1993 – “Estratégias de Transição para o Século XXI: Desenvolvimento e Meio Ambiente”. São Paulo. Studio Nobel/FUNDAP

SECRETARIADO DA CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA – 2006 – “Panorama da Biodiversidade Global 2”. Montreal. 89 p.

SERÔA DA MOTTA, R. (org.) – 1998 – “Manual para Valoração Econômica de Recursos Ambientais”. Brasília. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. 216p.

Sistema de Unidades de Conservação na Amazônia Legal. Banco de Dados. ISA Disponível em: <http://www.socioambiental.org/uc>. Consulta realizada em 08/08/2008.

SPETH, J. G. & HAAS, P.M. – 2006 – “Global Environmental Governance”. USA. Island Press. 180p.

STRANGE, S. – 1983 – “Cave! Hic Dragones: A Critique of Regimes Analysis”. In: KRASNER, S. D. *International Regimes*. USA. Cornell University Press. p.337/354.

STERN, N. – 2006 – “The Economics of Climate Change. The Stern Review”. London. HM Treasury, CabinetOffice. 700p.

TURNER, R. K. – 1993a - “Sustainability: Principles and Practice”. In: _____ - *Sustainable Environmental Economics and Management - Principles and Practice*. New York. Belhaven Press -. pp.03-36.

TURNER, R. K – 1992b - “Speculations on Weak and Strong Sustainability”. *Working paper*. GEC 92-26. CSERGE 41p.

TURNER, K.; PEARCE, D. & BATEMAN, I. – 1993 – “Environmental Economics: An Elementary Introduction”. Baltimore. Johns Hopkins University Press. 319p.

United Nations Environment Programme – 1995 – “Global Biodiversity Assessment: Summary for Policy Makers”. NY. 11p.

UNDERDAL, A. & YOUNG, O. R – 2004 – “Regime Consequences: Methodological Challenges and Research Strategies”. Netherlands. Kluwer. Academic Publishers. 394p.

UNDERDAL, A. – 2004a – “Methodological Challenges in the Study of Regime Effectiveness”. In: UNDERDAL, A. & YOUNG, O. R. *Regime Consequences: Methodological Challenges and Research Strategies*. Netherlands. Kluwer. Academic Publishers. p 27/48.

_____. – 2002b – “One Question, Two Answers”. In: MILES, E.L.; UNDERDAL, A.; STEINAR, A.; WETTESTAD, J.; SKJAERSETH, J. B. *Environmental Regime Effectiveness: Confronting Theory with Evidence*. Cambridge. MIT Press. 508p.

_____. – 2002c – “Methods of Analysis”. In: MILES, E.L.; UNDERDAL, A.; STEINAR, A.; WETTESTAD, J.; SKJAERSETH, J. B. *Environmental Regime Effectiveness: Confronting Theory with Evidence*. Cambridge. MIT Press. 508p.

United Nations Environment Programme – 2005 – “Biodiversidad el Consenso Científico. Resumen del Informe de la Evaluación de Ecosistemas del Milenio”. NY. 26p.

YOUNG, O. R. – 2004a – “The Consequences of International Regimes” In: UNDERDAL, A. & YOUNG, O. R. *Regime Consequences: Methodological Challenges and Research Strategies*. Netherlands. Kluwer. Academic Publishers. p.3/23.

YOUNG, O.R. – 2002b – “The Institutional Dimensions of Environmental Change: Fit, Interplay, and Scale. Cambridge. MIT Press. 221p.

_____ – 2000c – “A Eficácia das Instituições Internacionais: Alguns Casos Difíceis e Algumas Variáveis”. In: ROSENAU, J.N. & CAZEMPIEL, E.O. (org.) *Governança sem Governo. Ordem e Transformação na Política Mundial*. Brasília. Editora UNB. p. 219 – 262.

_____ - 1999d – “The Effectiveness of International Environmental Regimes”. Massachusetts. MIT press. 325p.

_____ – 1999e – “Governance in World Affairs”. NY. Cornell University Press.

_____ – 1996f – “The Effectiveness of International Governance Systems”. In: YOUNG, O. DEMKO, G. J. & RAMAKRISHNA, K. *Global Environmental Change and International Governance*. Hanover. University Press of New England. p1/27.

_____ – 1989g – “International Cooperation. Building Regimes for Natural Resources and the Environment”. NY. Cornell University Press. 248 p.

_____ – 1983h – “Regimes Dynamics: The Rise and the Fall of International Regimes”. In: Krasner, S. D. *International Regimes*. USA. Cornell

SIRVINSKAS, L. P. – 2002 – “Manual de Direito Ambiental”. São Paulo. Ed Saraiva. 377p.

VAN BELLEN, H. M. – 2007 – “Indicadores de Sustentabilidade: Uma Análise Comparativa”. Rio de Janeiro. Ed. FGV. 253p.

VIEIRA, T. R. – 2002 – “História Comparativa da Política Brasileira frente à Questão Ambiental”. 150p. Dissertação de Mestrado do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

VIOLA, E. – 1997 – “Globalização, democracia e sustentabilidade: as novas forças sociopolíticas transnacionais”. In: BECKER, K. B. & MIRANDA, M. - *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. p 63/ 92.

WARD, B. & DUBOS, R – 1973 – “Uma Terra Semente”. SP. EDUSP. 278p.

WILSON, E. O. - 1997 – “Biodiversidade”. RJ. Nova Fronteira. 2ª ed. 655p.

WORLD WILDLIFE FUND – 2006 – “Relatório Planeta Vivo”. Suíça. WWF. Relatório Executivo. 66p.

ANEXO I – PRINCIPAIS MODELOS EM INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

MODELO	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL PELA PESQUISA
PSR – Pressure, state, response	OECD
DSR – Driving force, state, response framework	CSD
BS - Barometer of sustainability	IUCN
HDI – Human Development Index	UNDP
EFM – Ecological footprint method	WWF – ZSL - GFN
DS - Dashboard of sustainability	International Institut for Sustanaible Development - Canada
IWGSDI - Interagency working group on sustanaible development indicators	US President Council on Sustanaible Development Indicators Set
Wealth of nations	Banco Mundial
EIP - European Indices Project	Eurostat
ESI - Environmental sustainability index	World Economic Forum
Seea - System of Environmental-Economic Accounting	United Nations Statistical Division
EE – Eco efficiency	World Business Council on Sustainable Development
NRTEE – National round table on the environment and economy	Canada
PPI – policy performance indicator	Holanda
Mips – Material input per service	Alemanha

**ANEXO II – METAS GLOBAIS DE BIODIVERSIDADE PARA 2010 APROVADAS
NA COP 8 – DECISÃO VIII/15**

Área focal 1: Proteger os componentes da biodiversidade

Objetivo 1. *Promover a conservação da diversidade biológica de ecossistemas, habitats e biomas*

Meta 1.1: Pelo menos 10% de cada região ecológica do mundo efetivamente conservado.

Meta 1.2: Áreas de importância particular para a biodiversidade protegidas.

Objetivo 2. *Promover a conservação da diversidade de espécies*

Meta 2.1: Restaurar, manter ou reduzir o declínio das populações de espécies de grupos taxonômicos selecionados.

Meta 2.2: Situação de espécies ameaçadas melhorada.

Objetivo 3. *Promover a conservação da diversidade genética*

Meta 3.1: Diversidade genética de cultivos, animais domesticados, e de espécies utilizadas de árvores, peixes e fauna silvestre, e outras espécies valiosas conservada, e o conhecimento indígena e local associado mantido.

Área focal 2: Promover o uso sustentável

Objetivo 4. *Promover o uso e o consumo sustentáveis*

Meta 4.1: Produtos baseados em biodiversidade derivados de fontes manejadas de forma sustentável, e áreas de produção manejadas de forma consistente com a conservação da biodiversidade.

Meta 4.2 Consumo não sustentável de recursos biológicos, ou que impacta a biodiversidade, reduzido.

Meta 4.3: Nenhuma espécie da flora e fauna silvestre ameaçada pelo comércio internacional

Área focal 3: Enfrentar as ameaças à biodiversidade

Objetivo 5. *Reduzir as pressões da perda de habitats, mudança do uso e degradação de terras, e uso não sustentável da água*

Meta 5.1: Taxa de perda e degradação de habitats naturais reduzida.

Objetivo 6. *Controlar as ameaças de espécies exóticas invasoras*

Meta 6.1: Rotas para as principais espécies exóticas invasoras controladas.

Meta 6. 2: Planos de manejo estabelecidos para as principais espécies exóticas que ameaçam ecossistemas, habitats ou espécies.

Objetivo 7. *Enfrentar as ameaças das mudanças climáticas e poluição à biodiversidade*

Meta 7.1: Manter e melhorar a resiliência dos componentes da biodiversidade para adaptarem-se às mudanças climáticas.

Meta 7.2: Reduzir a poluição e seus impactos sobre a biodiversidade.

Área focal 4: Manter os bens e serviços da biodiversidade para sustentar o bem-estar humano

Objetivo 8. *Manter a capacidade dos ecossistemas de fornecer bens e serviços e sustentar modos de vida*

Meta 8.1: Capacidade dos ecossistemas de fornecer bens e serviços mantida.

Meta 8.2: Recursos biológicos que sustentam modos de vida, segurança alimentar local e saúde, especialmente para pessoas pobres, mantidos.

Área focal 5: Proteger o conhecimento, inovações e práticas tradicionais

Objetivo 9. *Manter a diversidade sócio-cultural de comunidades indígenas e locais*

Meta 9.1. Proteger os conhecimentos, inovações e práticas tradicionais.

Meta 9.2: Proteger os direitos das comunidades indígenas e locais sobre seus conhecimentos, inovações e práticas tradicionais, incluindo seus direitos à repartição de benefícios

Área focal 6: Assegurar a repartição justa e eqüitativa dos benefícios

derivados do uso de recursos genéticos

Objetivo 10. *Assegurar a repartição justa e eqüitativa dos benefícios derivados do uso de recursos genéticos*

Meta 10.1: Todo acesso a recursos genéticos feito de acordo com a Convenção sobre Diversidade Biológica e seus dispositivos relevantes.

Meta 10.2: Benefícios provenientes da comercialização e outros usos de recursos genéticos repartidos de forma justa e eqüitativa com os países que fornecem tais recursos, conforme a Convenção sobre Diversidade Biológica e seus dispositivos relevantes.

Área focal 7: Assegurar o fornecimento dos recursos adequados

Objetivo 11. *As Partes dispõem de maior capacidade financeira, humana, científica, técnica e tecnológica para implementar a Convenção*

Meta 11.1: Recursos financeiros novos e adicionais transferidos para Partes que são países em desenvolvimento, para possibilitar a implementação efetiva de seus compromissos com a Convenção, conforme o Artigo 20.

Meta 11.2: Tecnologia transferida para Partes que são países em desenvolvimento, para possibilitar a implementação efetiva de seus compromissos com a Convenção, conforme seu Artigo 20, parágrafo 4.

Fonte: Modificado de GROSS, T.; JOHNSTON, S. & BARBER, C.V. (2005)

ANEXO III – METAS NACIONAIS DE BIODIVERSIDADE PARA 2010

Componente 1 da PNB – Conhecimento da biodiversidade - (Área Focal A da GSPC¹ da CDB)

Meta 1.1.: Uma lista amplamente acessível das espécies brasileiras formalmente descritas de plantas, animais vertebrados, animais invertebrados e microorganismos, mesmo que seletivamente elaborada na forma de bancos de dados permanentes

Meta 1.2: Programa Nacional de Taxonomia formalizado com vistas a um aumento de 50 % do acervo científico com ênfase na descrição de espécies novas.

Meta 1.3: Instituto Virtual da Biodiversidade Brasileira criado e expandir o PPBio² para os demais biomas, além da Amazônia e Caatinga. Para aumentar a disponibilidade de informação sobre biodiversidade.

Componente 2 da PNB - Conservação da biodiversidade (Áreas focais I e IV da CDB)

Objetivo 1: *Promover a conservação da diversidade biológica dos ecossistemas, habitats e biomas*

Meta 2.1: Pelo menos 30% do Bioma Amazônia e 10% dos demais biomas e da Zona Costeira e Marinha efetivamente conservados por Unidades de Conservação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Meta 2.2: Proteção da biodiversidade assegurada em pelo menos 2/3 das Áreas Prioritárias para Biodiversidade por meio de Unidades do SNUC, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas.

Meta 2.3: 10% da Zona Marinha com áreas de exclusão de pesca, temporárias ou permanentes, integradas às Unidades de Conservação, criadas para proteção dos estoques pesqueiros.

Objetivo 2: *Promover a conservação da diversidade de espécies.*

Meta 2.4: Todas as espécies reconhecidas oficialmente como ameaçadas de extinção no país contempladas com Planos de Ação e Grupos Assessores ativos.

Meta 2.5: 100% das espécies ameaçadas efetivamente conservadas em Áreas Protegidas.

Meta 2.6: Redução de 25% na taxa anual de incremento de espécies da fauna

¹ Estratégia Global para a Conservação de Plantas – GSPC. Disponível em <http://www.biodiv.org/programmes/cross-cutting/plant/default.asp>; acesso em maio de 2007.

² Programa de Pesquisa em Biodiversidade – PPBio. Ministério da Ciência e Tecnologia. Disponível em <http://ppbio.inpa.gov.br/Port>; acesso em maio de 2007.

ameaçadas na Lista Nacional e retirada de 25% de espécies atualmente na Lista Nacional.

Meta 2.7: Uma avaliação preliminar do *status* de conservação de todas as espécies conhecidas de plantas, e animais vertebrados e seletivamente dos animais invertebrados, no nível nacional.

Meta 2.8: 60 % das espécies de plantas ameaçadas conservadas em coleções *ex situ* e 10% das espécies de plantas ameaçadas incluídas em programas de recuperação e restauração.

Meta 2.9: 60% das espécies migratórias contempladas com planos de ação e 30% das espécies com programas de conservação implementados.

Objetivo 3: *Promover a conservação da diversidade genética*

Meta 2.10: 70% da diversidade genética de plantas cultivadas e extrativas de valor sócio-econômico conservadas, e o conhecimento indígena e local associado mantido.

Meta 2.11: 50% das espécies priorizadas no Projeto Plantas para o Futuro conservadas na condição *ex situ* e *on farm*.

Meta 2.12: 60% da diversidade genética dos parentes silvestres brasileiros de plantas cultivadas de 10 gêneros prioritários efetivamente conservados *in situ* e/ou *ex situ*.

Objetivo 8: *Manter a capacidade dos ecossistemas de fornecer bens e serviços e de sustentar modos de vida*

Meta 2.13: Capacidade de ecossistemas de fornecer bens e serviços mantida ou melhorada nas Áreas Prioritárias para Biodiversidade.

Meta 2.14: Aumento significativo das ações de apoio à conservação *on farm*³ dos componentes da agrobiodiversidade que garantam a manutenção dos modos de vida sustentáveis, segurança alimentar local e saúde, especialmente para comunidades locais e povos indígenas.

Componente 3 da PNB – Utilização sustentável dos componentes da biodiversidade (Área Focal II da CDB)

Objetivo 4: *Promover o uso e o consumo sustentáveis*

Meta 3.1: 30% de produtos vegetais não-madeireiros provenientes de fontes manejadas de forma sustentável.

³ Por conservação *on farm* entende-se o manejo sustentável da diversidade genética de variedades agrícolas tradicionais localmente desenvolvidas, associadas a formas e parentes selvagens, e desenvolvidas por agricultores dentro de um sistema de cultivo agrícola, hortícola ou agroflorestal tradicional. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. Disponível em <http://www.inpa.gov.br/cpca>; acesso em maio de 2007.

Meta 3.2: Recuperação de no mínimo 30% dos principais estoques pesqueiros com gestão participativa e controle de capturas.

Meta 3.3: 40% da área com Plano de Manejo Florestal na Amazônia certificada.

Meta 3.4: 80% das Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável com manejo sustentável de espécies da fauna e da flora de interesse alimentar ou econômico assegurados e com seus planos de manejo elaborados e implementados.

Meta 3.5: 80% de redução no consumo não sustentável de recursos faunísticos e florísticos em unidades de conservação de uso sustentável.

Meta 3.6: Nenhuma espécie da fauna ou flora silvestre ameaçada pelo comércio internacional, em cumprimento ao disposto pela CITES.

Meta 3.7: Redução significativa do comércio ilegal de espécies da fauna e flora no país.

Meta 3.8: 80% de incremento na inovação e agregação de valor de novos produtos beneficiados a partir da biodiversidade.

Meta 3.9: 80% de incremento em novos usos sustentáveis da biodiversidade na medicina e alimentação resultando em produtos disponíveis no mercado.

Meta 3.10: Aumento significativo das ações de detecção, controle e repressão dos casos de biopirataria.

Meta 3.11: Incremento significativo nos investimentos em estudos, projetos e pesquisas para o uso sustentável da biodiversidade.

Meta 3.12: 80% de incremento no número de patentes geradas a partir de componentes da biodiversidade.

Meta 3.13: Apoio da CCZEE⁴ para a elaboração e conclusão de ZEEs em pelo menos 50% dos Estados.

Componente 4 da PNB – Monitoramento, avaliação, prevenção e mitigação de impactos sobre a biodiversidade (Área Focal III da CDB)

Objetivo 5: *Reduzir as pressões da perda de habitats, mudança no uso e degradação de terras, e uso não sustentável das águas.*

Meta 4.1: Redução na taxa de desmatamento de 100% no Bioma Mata Atlântica, de 75% no Bioma Amazônia e de 50% nos demais biomas.

⁴ Comissão Coordenadora do Zoneamento Ecológico-Econômico do Território Nacional – CCZEE, instituída por Decreto Presidencial s/nº de 28/12/2001. Tem por atribuição planejar, coordenar, acompanhar e avaliar a execução dos trabalhos de zoneamento econômico-ecológico – ZEE, articulando com os estados, apoiando-os na execução dos seus respectivos zoneamentos e compatibilizando-os com os executados pelo Governo Federal.

Meta 4.2: Redução média de 25% no número de focos de calor em cada bioma.

Meta 4.3: Criação e consolidação de uma rede de monitoramento sistemático e padronizado da biodiversidade em escala nacional.

Objetivo 6: *Controlar as ameaças de espécies exóticas invasoras*

Meta 4.4: Todas as espécies no Diagnóstico Nacional de Espécies Exóticas Invasoras com Plano de Ação de Prevenção e Controle elaborado.

Meta 4.5: Planos de manejo implementados para controlar pelo menos 25 das principais espécies exóticas invasoras que mais ameaçam os ecossistemas, habitats ou espécies no país.

Objetivo 7: *Enfrentar as ameaças das mudanças climáticas e da poluição à biodiversidade*

Meta 4.6: 50% das fontes de poluição das águas e dos solos e seus impactos sobre a biodiversidade controladas.

Meta 4.7: Estímulo a estudos biogeográficos que incluam previsões de ocorrência de espécies em associação à mudanças climáticas potenciais, pelo uso de Sistemas de Informação Geográfica.

Componente 5 da PNB – Acesso aos recursos genéticos, conhecimentos tradicionais associados, e repartição de benefícios (Áreas Focais V e VI da CDB)

Objetivo 9: *Manter a diversidade sócio-cultural de comunidades tradicionais.*

Meta 5.1: Todas as políticas públicas relevantes para os conhecimentos tradicionais implementadas em atendimento as disposições do Artigo 8j da CDB.

Meta 5.2: Conhecimentos, inovações e práticas dos povos indígenas e comunidades tradicionais protegidos.

Meta 5.3: 100% das publicações científicas ou de divulgação decorrentes de acesso a conhecimento tradicional com identificação de sua origem.

Meta 5.4: 100% das atividades de acesso a conhecimentos tradicionais com consentimento prévio fundamentado, obrigatoriedade de retorno do conhecimento gerado e repartição de benefícios.

Objetivo 10: *Assegurar a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados do uso de recursos genéticos.*

Meta 5.5: Lei de acesso e repartição de benefícios, nos termos da CDB, aprovada pelo Congresso Nacional e implementada e 100% das atividades de acesso e remessa de acordo com a legislação nacional.

Meta 5.6: Benefícios resultantes do uso comercial dos recursos genéticos efetivamente repartidos de forma justa e eqüitativa em prol da conservação da biodiversidade.

Meta 5.7: 100% das solicitações de patentes de invenção de produtos e processos derivados de acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado com identificação de origem e autorização de acesso.

Meta 5.8: Repartição de benefícios no âmbito do Tratado sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e Agricultura implementado no país.

Componente 6 da PNB - Educação, sensibilização pública, informação e divulgação sobre biodiversidade (Área Focal D da GSPC da CDB)

Meta 6.1: Incorporação da importância da diversidade biológica e da necessidade de sua conservação, uso sustentável e repartição de benefícios nos programas de comunicação, educação e conscientização pública.

Meta 6.2: Ampliação do acesso a informação de qualidade sobre conservação, uso sustentável e repartição de benefícios da diversidade biológica.

Meta 6.3: Estabelecimento e fortalecimento de redes de ações para conservação, uso sustentável e repartição de benefícios da diversidade biológica.

Componente 7 da PNB – Fortalecimento jurídico e institucional para a gestão da biodiversidade (Área Focal VII da CDB)

Objetivo 11: *As Partes asseguram melhor capacidade financeira, humana, científica, técnica e tecnológica para implementar a Convenção*

Meta 7.1: Recursos financeiros novos e adicionais, de fontes públicas e privadas, nacionais e/ou internacionais, captados e disponibilizados para uso no país possibilitando a implementação efetiva de seus compromissos com os programas de trabalho da CDB, conforme seu Artigo 20.

Meta 7.2: Iniciativas que promovam a transferência para o Brasil de tecnologias ambientalmente sustentáveis geradas em outros países, implementadas para possibilitar a efetividade dos programas de trabalho da CDB, conforme seu Artigo 20, parágrafo 4, e Artigo 16.

Meta 7.3: Intercâmbio e transferência de tecnologias ambientalmente sustentáveis entre países em desenvolvimento promovidos, para possibilitar a implementação efetiva dos programas de trabalho da Convenção, conforme seu Artigo 20, parágrafo 4, e Artigo 16.

Fonte: MMA (2007).

ANEXO IV

PROJETO SEATTLE/OSLO CODEBOOK: SELEÇÃO DE VARIÁVEIS ⁵		
Var	Perguntas e Filtros	Categorias e Códigos
Identificação do Estudo de Caso		
Var01	Nome do Regime	
Var02	Número componente	
Var05	Fases	0 ... Não aplicáveis 1 ... Pré- regime 2 ... Formação do Regime 3 ... Implementação do regime
Var06	desde (ano)	
Var07	Até (ano)	
Variáveis Independentes		
Var15	Tipo de problema, considerado apenas em seus méritos substantivos	1 ... Predominantemente benigno (relação da sinergia/contingência) 2 ... Misturado (equilibrado ou próximo ao equilíbrio.) 3 ... Predominantemente moderadamente maligno (principais externalidades) 4 ... Predominantemente fortemente maligno (elemento significativo de competição)
Var16	Alguma agenda “escondida” afeta significativamente o caráter global dos problemas e como são percebidos pelas partes	0... Não, ou só apenas para uma minoria, ou poucas partes com baixa relevância. 1... Sim, adiciona elementos benignos 2... Sim, adiciona elementos malignos

⁵ UNDERDAL (op.cit.b), p.479.

Var17	Tipo de problema, percebido pelas partes envolvidas no momento	1 ... Predominantemente benigno 2 ... Misturado 3 ... Predominantemente moderadamente maligno 4 ... Predominantemente fortemente maligno
Var18	A estrutura do sistema de atividades sendo reguladas	1 ... Amplamente simétrico? 2 ... Moderadamente assimétrico? 3 ... Fortemente assimétrico?
Var19	A estrutura do problema propriamente dito (em termo, por exemplo, mudanças nas externalidades ou impactos)	1 ... Amplamente simétrico? 2 ... Moderadamente assimétrico? 3 ... Fortemente assimétrico? 4 ... Indeterminado?
Var20	Foi assim que as partes sentiram (perceberam) o problema no momento que ocorreu?	1 ... Sim, essencialmente 2 ... Não, algumas partes perceberam o problema como se fossem más simétrico. 3 ... Não, algumas partes observaram o problema como se fosse menos simétrico. 4 ... Ambos 2 e 3.

Var21	São eles significativamente funcionais (substantivamente) quando encadeados com outros problemas além do regime dominante? Em caso positivo existe(m) problema (s) onde o regime (ou componente do regime) é relacionado mais ou menos maligno?	1 ... Não é significativamente funcional ou substantivamente encadeado. 2 ... Vínculo(s) principal ou exclusivo aos problemas mais benignos 3 ... Vínculo(s) para os problemas de características similares ou mais benignos, assim como problemas mais malignos. 4 ... Vínculo(s) principal ou exclusivo aos problemas mais malignos.
Var22	Se existe um vínculo significativo, isso pode influenciar o comportamento do ator?	1 ... Não, apenas em casos raros ou de baixa amplitude 2 ... Sim, ao menos em alguns casos ou com uma amplitude significativa.
Var23	Algumas das partes tiveram motivos anteriores em promover ou desenhar o regime (ver o regime como um instrumento para alcançar outros propósitos, além do problema abordado)?	1 ... Não 2 ... Sim

Var24	Existem incentivos significantes (lado positivo dos benefícios das regras e normas) que envolvem alguns atores (como institucionalizam conforme a recompensa ou efeitos indiretos frutos das provisões do regime, como melhorar a competitividade de determinada industria ou companhia)?	0 ... Não, ou apenas uma minoria 1 ... Sim, o regime por si só inclui essas provisões.
Var28	A configuração de interesses dos diferentes componentes do regime é (aplicável apenas quando o regime tem dois ou mais componentes)	1 ... <i>crosscutting</i> divisão 2 ... <i>overall crosscutting</i> divisão mais com um ou alguns autores distinguindo-se como exceção. 3 ... Conflitos acumulado (lastimar o mesmo ator contra outro em diferentes temas. 4 ... Conflito acumulado global mas com um ou alguns atores distinguindo-se como exceção. 5 ... <i>mix of crosscutting</i> e divisões acumuladas.
Var.40	Conjuntura institucional: regras de decisão formal para decisões substantivas	1 ... Consenso ou unanimidade explícita requerida 2 ... Maioria (qualificada) permitida para decisão, com direito a reservas 3 ... Maioria (qualificada) permitida para decisão, sem o direito de reservas 4 ... Outras, especificar:

Var40a	Conjuntura Institucional: regras atual de decisão para decisões substantivas (regra em uso)	1 ... Consenso ou unanimidade explícita requerida 2 ... Maioria (qualificada) permitida para decisão, com direito a reservas 3 ... Maioria (qualificada) permitida para decisão, sem o direito de reservas 4 ... Outras, por favor especificar.
Var43	Os regimes incluem previsões específicas para alguma das seguintes opções, ou as partes recorreram a uma ou mais das opções (circula quando apropriado)	0 ... Nenhum 1 ... Reconhecimento explícito dos esforços (voluntários) mais ambiciosos por um conjunto de atores 2 ... Aplicação de tratado provisional (antes do tratado ou protocolos formais) 3 ... Recorre a instrumentos menos formais (soft law) em detrimento dos previstos originalmente 4 ... Tanto 1 quanto 2 5 ... Tanto 1 quanto 3 6 ... Tanto 2 quanto 3 7 ... Todas anteriores

Var44	Conjuntura Institucional: papel do secretariado (tratado como uma escala acumulativa, quanto maior o número de pontos, a categoria é melhor aplicada)	0 ... Sem secretariado 1 ... Limitado ao escritório y funções apenas relacionadas a documentação (registro, arquivo) 2 ... Geram alguns inputs independentes nos processos de negociação, mas apenas com uma natureza informal (inclui funções de monitoramento). 3 ... Geram (também) alguns <i>inputs</i> políticos mas com natureza <i>low-key</i>, este espaço político é essencial para o mediador 4 ... Geram (também) <i>inputs</i> políticos, atua como advogado promovendo suas próprias idéias e soluções.
Var45	Conjuntura Institucional: Espaço em conferencia com presidentes e moderadores (tratado como escala acumulativa, quanto maior o número de pontos, a categoria é melhor aplicada)	1 ... Atua, essencialmente, como um <i>manager</i> do processo, sem significativo espaço político. 2 ... Gera (também) algum inputs políticos independente mas com natureza <i>low-key</i>, este espaço político é essencial para o mediador 3 ... Geram (também) inputs políticos, atua como advogado promovendo suas próprias idéias e soluções
Var46	Alguns delegados ou delegações desenvolvem uma importância particular, devido a sua capacidade de liderança nas negociações?	1 ... Não, ou apenas de caráter marginal 2 ... Sim, gera alguma/pouca liderança 3 ... Ativa e forte liderança

Variáveis intervenientes

Var58	Base de conhecimento: nível e alcance incerto	1 ... Incerteza baixa; casual mecanismo básico e relações conhecidas, e conhecimento descritivo, por comparação de standares sólidos. 2 ... Intermediário; incluem alto resultado em uma dimensão (teoria o empírica) e baixo nos outros resultados, ou intermediário nos dois 3 ... Grande incerteza, aplicável ao entendimento teórico da relação causa-efeito, assim como conhecimento descritivo
Var59	A base do conhecimento aumentou significativamente com o decorrer do tempo (se o resultado se refere a uma determinada fase: que fase?)	1 ... Não 2 ... Sim, particularmente, considerando os inputs (poluição) ou plantação (recursos biológicos) 3 ... Sim, particularmente, considerando o Estado como destinatário, estoque ou ecossistema. 4 ... Sim, particularmente, considerando a relação casual entre 2 e3. 5 ... Geral, entre as três dimensões
Var60	Quanto de melhoria na base de conhecimento (se ocorreu algum) pode ser atribuído a funcionalidade do regime?	0 ... Não aplicável (sem significante melhoria) 1 ... Apenas uma pequena parcela (cerca de 50%) 2 ... O regime, por si só, não

		contribuiu muito para a construção do conhecimento, mas indiretamente estimulou atividades nacionais e de organizações não governamentais (ONG). Contribuições diretas e indiretas quando analisadas conjuntamente aparecem como importante fator exógeno. 3 ... A contribuição do regime, por si só, (sem incluir efeitos indiretos) aparecem como um fator exógeno igualmente importante. 4 ... Quando contribuições e efeitos indiretos são analisados juntos, a maioria, ou tudo é atribuído ao regime. 5 ... A maioria ou tudo pode ser atribuído as contribuições do regime. 6 ... Não pode ser determinado.
Var61	Presença e papel da comunidade epistêmica transacional (utilizar o critério Peter Haas)	1 ... Não podemos observar a comunidade transacional epistêmica operando em este caso. 2 ... Sim, mas não muito integrado (por não ser um ator coerente), não entra profundamente nos governos nacionais e administração, não exerce um papel ativo ou de influencia na formação ou implementação do regime 3 ... Sim, parece ser bem integrado, atuando de forma profunda nos governos nacionais

		e administração, e exerce um papel ativo e de influencia na formação e implementação do regime.
Var62	Nível de colaboração	0 ... participa das deliberações, mas não das ações 1 ... Coordenação dos atos de base tácita de compreensão. 2 ... Coordenação dos atos de base explícita na formulação dos standards, mas com ações nacionais sendo implementadas por uma base unilateral, sem avaliação central efetiva. 3 ... O mesmo que o nível 2, mas com avaliação central efetiva 4 ... Planejamento coordenado combinado com implementação unilateral; incluem avaliação central efetiva. 5 ... Coordenação de planejamento e implementação completamente integrada; inclui avaliação central efetiva.
Variável Dependente		
Var63	Efetividade do regime: mudança no comportamento em relação ao estado hipotético de relação que existiu na ausência do regime (se refere a mudança de comportamento regulado pelo regime)	0 ... Negativa (nenhuma) melhoria (mudança de comportamento na direção equivocada) 1 ... Sem câmbios de situação, ou alguns efeitos negativos e positivos, mas sem impacto claro no comportamento, seja negativo ou positivo 2 ... Pequena (marginal, devagar) melhoria

		3 ... Significante, mas não uma verdadeira melhoria 4 ... Maior melhoria
Var66	Eficiência do Regime: distancia do optimum coletivo, julgamento funcional (técnico)	1 ... Regime <i>falls short</i>, por uma grande marginalidade, falta de capacidade de preencher os requisitos funcionais de soluções optimas. 2 ... O regime não preenche todos os requerimentos, mas o gap não é muito grande 3 ... O regime se encaixa ou se aproxima dos requisitos necessários para uma ótima solução técnica. 4 ... As regras e regulamentações do regime vão na direção correta para serem considerados funcionalmente optimos.
Var68	O regime alterou significativamente os conteúdos ou prioridades da agenda política ou a toda a relação entre os Estados participantes?	1 ... No 2 ... Sim, afeta a agenda política internacional 3 ... Sim, afeta a relação entre, pelo menos, alguns Estados participantes 4 ... Sim, ambos (2 e3)
Var69	O regime, por si só, serviu como uma importante arena para o conhecimento transnacional?	1 ... Não, ou somente para uma medida muito modesta 2 ... Sim, para uma medida significativa

Var 70	Desenvolvimento do Regime	1 ... Estável, sem significativo crescimento ou declínio 2 ... Regularmente estável, com tendência ao crescimento 3 ... Crescimento global, mas sem estabilidade e aumento 4 ... Declínio 5 ... Outros, especificar
Var113r	Power skew (poder torto), jogo básico	1 ... Torto em favor dos atrasados 2 ... Balanceado, ou em favor dos intermediários 3 ... Torto em favor dos impulsores.

Index

Problemas estruturais

Var15 (1-4)

Si Var15 $\geq$ 3, depois adicionar

Var18 (1=0) (2,3=1)+ var 28 (1,2,5=0) (3,4=1)

Recodificado (1,2=1) (3,4=2) (5,6=3)

Maligno + incerteza

Var 15+var 58

Recodificado (1-3=1) (4,5=2)(6,7=3)

Capacidade institucional

Var40A (1=1) (else=2)

+Var44 (0-2=1) (else=2)

+Var45 (1=1) (else=2)

+Var43(0=1) (else=2)

Recodificando (4,5=1)(6-8=2)

Liderança Informal

Var46 (0,1=1)(2=2)

+Var 61(1=1) (else=2)

Recodificando (2=1)(3,4=2)

Capacidade de problem-solving:

Capacidade Institucional+liderança informal

+var113r

Recodificando (1=1)(2,3=2)(4,5=3)

ANEXO V – EXEMPLO DE AVALIAÇÃO DA EFETIVIDADE PARA O REGIME DA CONVENÇÃO SOBRE O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE ESPÉCIES AMEAÇADAS – CITES

Regime	Componente ou Fase	Efetividade			Tipo do Problema		Capacidade de Solução do Problema			Total
		Melhoria	Ótimo Funcional	Nível de Colaboração	Nível de Nocividade	Incerteza	Capacidade Institucional	Poder	Liderança Informal	
CITES	1900 - 1960	NA	NA	Baixo	Benigno	Alto	-	Pushers	Fraco	-
CITES	1960 - 1973	Muito Baixo	Baixo	Intermediário	Benigno	Alto	Alto	Pushers	Intermediário	Alto
CITES	1973 1996	Baixo	Intermediário	Intermediário	Misto	Intermediário	-	Balanceado	Intermediário	-

Fonte: UNDERDAL (2002b), p. 372/373

ANEXO VI

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA AMAZÔNIA LEGAL

Situação em 06/06/2008	Quant.	A*	B**	Área coberta por UC (A - B)	% em relação ao total de UCs	% em relação à extensão da Amazônia
Federal	131	63.827.525		54.922.976	51,86%	10,97%
Proteção Integral	48	31.235.895		27.298.354	25,78%	5,45%
Estação Ecológica	15	6.680.396		6.365.632	6,01%	1,27%
Parque Nacional	23	20.844.569		17.647.460	16,66%	3,53%
Reserva Biológica	9	3.710.821		3.285.153	3,10%	0,66%
Reserva Ecológica	1	109		109	0,00%	0,00%
Uso Sustentável	83	32.591.630	4.967.008	27.624.622	26,09%	5,52%
Área de Proteção Ambiental	4	2.473.550	71.083	2.402.467	2,27%	0,48%
Área de Relevante Interesse Ecológico	3	20.864	-	20.864	0,02%	0,00%
Floresta Nacional	32	18.443.042	4.642.132	13.800.910	13,03%	2,76%
Reserva de Desenvolvimento Sustentável	1	64.735	-	64.735	0,06%	0,01%
Reserva Extrativista	43	11.589.439	253.793	11.335.646	10,70%	2,26%
Estadual	164	59.124.581	8.148.227	50.976.354	48,14%	10,18%
Proteção Integral	60	12.694.298	3.029.684	9.664.614	9,13%	1,93%
Estação Ecológica	9	4.615.708	1.056.695	3.559.013	3,36%	0,71%
Monumento Natural	2	32.410	-	32.410	0,03%	0,01%
Parque Estadual	39	6.584.337	1.835.472	4.748.865	4,48%	0,95%
Reserva Biológica	6	1.257.943	37.517	1.220.426	1,15%	0,24%
Reserva Ecológica	2	103.900	100.000	3.900	0,00%	0,00%
Refúgio de Vida Silvestre	2	100.000	-	100.000	0,09%	0,02%
Uso Sustentável	104	46.430.283	5.118.543	41.311.740	39,01%	8,25%

ANEXO VI

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA AMAZÔNIA LEGAL

Continuação

Situação em 06/06/2008	Quant.	A*	B**	Área coberta por UC (A - B)	% em relação ao total de UCs	% em relação à extensão da Amazônia
Área de Proteção Ambiental	29	19.344.772	4.712.362	14.632.410	13,82%	2,92%
Floresta Estadual	15	12.348.059	38.018	12.310.041	11,62%	2,46%
Floresta Extrativista	2	1.085.688	307.665	778.023	0,73%	0,16%
Floresta de Rendimento Sustentado	18	1.470.759	20.608	1.450.151	1,37%	0,29%
Reserva de Desenvolvimento Sustentável	15	10.310.376	38.907	10.271.469	9,70%	2,05%
Reserva Extrativista	25	1.870.629	983	1.869.646	1,77%	0,37%
Amazônia Legal	295	122.952.106	17.052.776	105.899.330	100,00%	21,15%

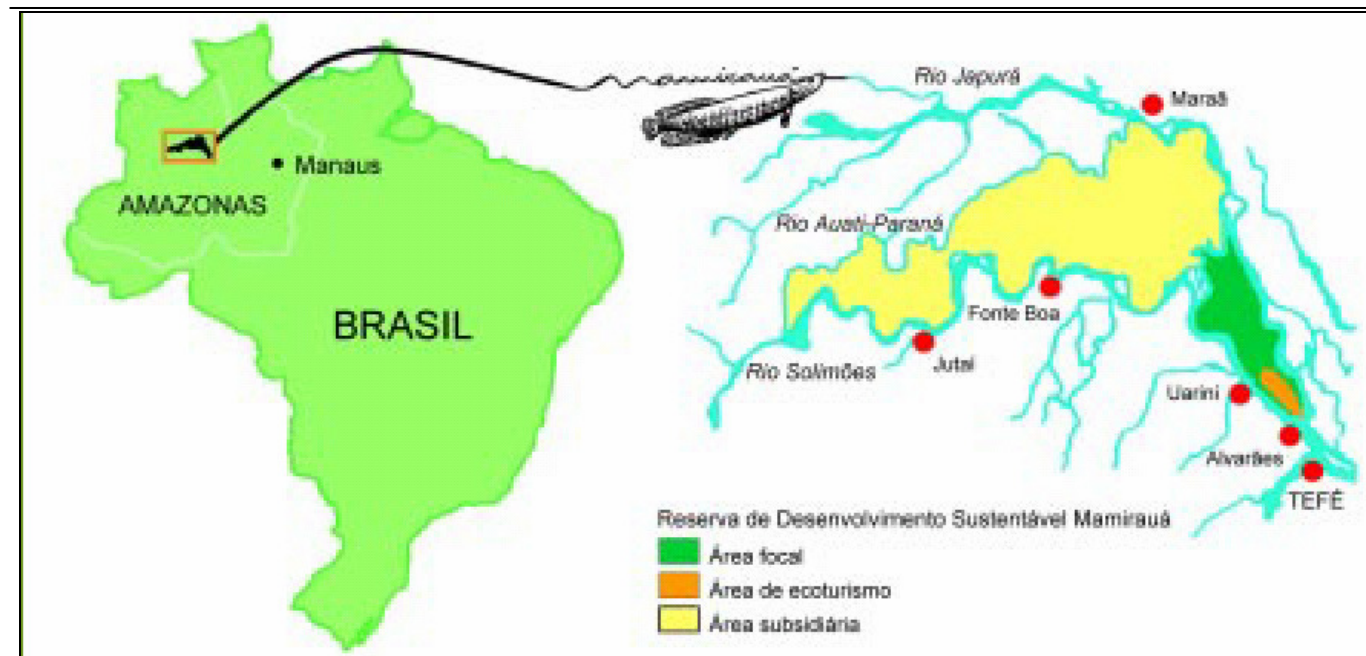
* A = Área (ha) segundo Documento Legal;

** B = Áreas no oceano, fora da Amazônia, integrantes de APA ou em sobreposição com outras UCs e TIs (Cálculo efetuado pelo Sistema de Informações Geográficas do ISA. Nas APAs, foram descontadas as extensões de UCs mais restritivas inseridas em seus limites. Foram descontadas as áreas de UCs que ficam fora da Amazônia Legal. As áreas marítimas das Resex Marinhas, Parques e APAs foram descontadas apenas para estabelecer a porcentagem protegida em relação à extensão territorial da Amazônia Legal. As sobreposições entre UCs foram descontadas na categoria menos restritiva. As sobreposições em TIs foram descontadas da extensão das UCs);

Fonte: Sistema de Unidades de Conservação da Amazônia Legal – ISA.

ANEXO VII

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE MAMIRAUÁ



Fonte: IDSM, 2007.